

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 1 ed. Guarulhos – SP. Editora Cortez, 1980

O autor começa falando no primeiro capítulo em que intitula: “Sobre Jequitibás e eucaliptos – amar”, sobre a “formação do educador” em que diz que está em extinção. Depois Alves, esclarece que: “professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. O educador, ao contrário, não é profissão é vocação, nasce de um grande amor, grande esperança.” E em seguida faz uma interessante colocação dizendo, “profissões e vocações são como plantas, onde florescem em nichos ecológicos, situações precária e necessária.” (pág.11). Nesse trecho o autor ressalta a importância do educador que vai além do papel do professor em que apenas visa passar seus conhecimentos. O educador além de passar seus conhecimentos, atua por amor com muita dedicação e tem uma relação próxima aos alunos, acolhedora.

Em seguida, Alves, relaciona as árvores Jequitibás e Eucaliptos com educadores, dizendo que: “Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possui uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada”. Em contrapartida os professores, o papel do “educador” pouco importa, o que interessa é o “crédito” cultural que o aluno adquire em uma disciplina. (pág. 13). Assim, o autor relaciona o educador como árvores frondosas de Jequitibás e como florestas virgens, uma vez cortadas, elas perdem o sentido. Mas no caso do professor em que o autor relaciona com eucaliptos, em que cresce depressa e gera lucro, substituindo as velhas árvores, infelizmente para muitos acham estas plantas mais bonitas, enfileiradas e simétricas, prontas para o corte em que pode ser substituído pelas grandes árvores, Jequitibás cheios de sombra e charme.

O educador, cita que o educador, valoriza o ideal da imaginação, valoriza o interior de seus alunos e o professor: “ao contrário é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas”. Em seguida cita Rousseau que se tornou obsoleto e Weber ao dizer, “Porque a educação que ele contempla ocorre colada ao imprevisível de uma experiência de vida ainda não gerenciada. O que aconteceu neste meio tempo? Para ser gerenciada, a vida teve de ser racionalizada. Bem observava Weber que a racionalização exigia que o corpo do operário, animado pelo ritmo biológico do tempo, fosse submetido ao ritmo da máquina, animado pelo tempo estabelecido pela racionalização.” (pág.15). Mostrando, que a imaginação deve ser valorizada, como o educador estimula seus alunos, indo na contramão de apenas um gerenciamento mecanizado.

“Freud, cita que o decisivo não é a compreensão intelectual, mas um ato de amor. São atos de amor e paixão que se encontram nos momentos fundadores de mundos, momentos em que se encontram os revolucionários, os poetas, os profetas, os videntes.” (pág. 19). Ressaltando a importância do ensinar com amor, que transforma os indivíduos o ensinando de forma que vai além do intelectual, surgindo assim revolucionários.

No segundo capítulo, “Sobre o dizer honesto, Acordar”, Alves relata uma história de Theodore Rozak contada pelas rãs que viviam no fundo do poço e como nunca haviam saído de lá, “os limites do seu poço denotavam os limites do seu mundo.” (pág. 28). Ressaltando que é difícil pensar além da experiência e assim começa o discurso da “ideologia da educação”. Destacando que devemos ir além dos nossos limites, libertarmos do que nos prende em busca de uma nova realidade e novos aprendizados.

Depois cita Wittgenstein que destaca, “o mundo dos operários é diferente do mundo dos intelectuais, que o mundo dos fortes é diferente do mundo dos fracos.” Mas Alves, destaca que: “ainda acredita na existência das pessoas acredito que aquilo que acontece com os seus corpos faz uma diferença, e que nem tudo pode ser reduzido à sua classe social.” (pág. 32). Ressaltando que a importância das palavras como extensão do corpo que se podem quebrar as barreiras da classe social com as palavras, por exemplo.

Outro autor que Alves, cita é Marx: “O Marx real, nós o encontramos em *O capital*. Somente aqui ingressamos na ciência”(pág. 35). Depois, ressalta “Não será verdade que o propósito de toda a educação é a domesticação do corpo”? Não será verdade que este é um programa de natureza política, e que, como tal, descansa sobre uma ideologia? Por favor, não pensem em escolas quando eu me referir à educação. Escolas são instituições tardias e apertadas, enquanto a educação tem a idade do nascimento da cultura e do homem. (pág. 36). Apesar dos dois nascerem juntos, a educação abrange o sentido político e pedagógico. “Político relacionado a vida social e pedagógico ligado porque a sabedoria do corpo o impede de sentir, apreender, processar, entender, resolver problemas que não estejam diretamente ligados às suas condições concretas.” (pág. 37).

Depois Alves, cita Fernando Pessoa, que diz, “pensamento é a doença dos olhos”. Alves concorda dizendo: “O pensamento se insinua onde a visão falhou. Ou onde o ouvido, e o olfato, e a língua e a pele falharam. A palavra é o testemunho de uma ausência. Como tal, ela possui uma intenção mágica, a de trazer à existência o que não está lá... A intenção de manter viva a promessa do retorno.” (pág. 38). Nessa citação de Fernando Pessoa e nas

considerações de Rubem Alves, demonstram a importância do pensamento que surge quando nos desligamos dos sentidos: visão, tato, olfato, audição e paladar e nos abrimos para novas sensações. E as palavras complementam esta ausência, trazendo sentido ao que não sentimos fisicamente.

Outro assunto que o autor discute é a dialética. “Confesso que, na maioria das vezes, não sei o que as pessoas querem dizer quando usam a palavra dialética. “Este é um problema que se resolve dialeticamente”: é curioso o poder mágico que esta palavra possui.” (pág. 42). Ressaltando, a dificuldade em que temos de compreender o sentido da palavra dialética. E cita Wittgenstein: “o sentido é dado pelo uso”. A importância em usarmos as palavras e buscar os seus significados.

No terceiro capítulo, “Sobre palavras e redes Libertar”, Alves diz que “Educação perfeita, sem mestres e sem consciência. Na verdade, educação alguma, porque o conhecimento já nasce solidário com o corpo e faz com que o corpo faça o que tem de fazer.” E em seguida diz que “cada geração reproduz a outra”. (pág. 50). Reforçando que devemos preservar os saberes adquiridos ao longo da história.

Em seguida o autor cita que segundo Ludwig Wittgenstein, op. (ct., § 5.6, p. 111), “Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem. Aprender o mundo humano é aprender uma linguagem, porque os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.” (pág. 52). Onde Wittgenstein ressalta que devemos sempre vincular o aprendizado com a humanidade, e sempre com diálogo.

Depois, Alves ressalta que prefere, “deixar de lado a palavra ideologia e usar a palavra linguagem. A decisão não foi gratuita. Por detrás da palavra ideologia há muitos acordos silenciosos: e ventre do cavalo de Tróia está cheio.” (pág. 55). Pois, ideologia se opõe a verdade e a linguagem é algo que se constrói e envolve o diálogo, tendo assim a linguagem vinculada ao pensamento. O autor, inclusive cita uma lógica de pensamento para compreendermos a linguagem: “OBJETO → estímulo → impressão → idéia → palavra.” (pág. 57).

O autor também destaca: “Que valores têm informado nossa prática educativa? Na verdade, acho que esta pergunta é infinitamente mais importante que a pergunta acerca da ideologia” (pág. 62). Ressaltando a importância da prática dos valores na educação, em haja a ação destes.

O quarto capítulo, intitulado, “Sobre remadores e professores Agir” E neste capítulo Alves, já problematiza o método e ressalta, “Pensa-se que produzir conhecimento científico é a mesma coisa que produzir um conhecimento metodologicamente rigoroso, ignorando-se totalmente a significação ou relevância do conhecimento produzido.” (pág. 66). Em que o método puramente científico pode criar conclusões precipitadas e errôneas, como a que citou no Estados Unidos, em que analisaram meninos e meninas na escola primária sobre brinquedos da preferência: “chegaram à brilhante conclusão de que os meninos se inclinam para atividades do tipo carpintaria e esportes, enquanto as meninas preferem brincar com bonecas.” No qual apenas o método científico trouxe uma conclusão muito superficial.

E esclarece assim, “Estou apenas sugerindo que o ponto inicial de uma pesquisa não pode e não deve ser a metodologia mas antes a relevância do problema.” (pág. 68). “O rigor metodológico pode, freqüentemente, deixar de ser um ideal científico válido e se transformar num artifício institucional pelo qual as instituições mais criativas são bloqueadas.” (pág. 69). Explicando que apenas o rigor metodológico para elaborar uma pesquisa não basta, deve-se aliar a isso o processo criativo, como observar algum fenômeno natural e interpretá-lo.

Em seguida ressalta que, “Todo ato de pesquisa é um ato político.” Sendo assim, um ato de inserção na sociedade, e ainda destaca “ [...] o pesquisador e a sua pesquisa podem sempre ser manipulados.” (pág. 73). Destaca que toda pesquisa é passível de ser manipulada.

“Estas reflexões apontam para a difícil situação em que se encontra o educador-pesquisador.” (pág 74), tendo assim que auxiliar a função social da educação e estes devem ser submetidos a conhecimentos e regras e ainda cita que “Educação e polícia têm a mesma função: controlar o comportamento.” (pág 74). Apontando que se deve integrar a educação com a sociedade.

Em seguida Alves, destaca os níveis da pesquisa, estes são:

1. Nível filosófico. “A filosofia é uma atividade que se dedica a questionar os cenários, as estruturas categoriais, os pressupostos comumente aceitos sem exame. Na filosofia o que se busca é questionar o conhecimento familiar de que lançamos mão para explicar nossas práticas cotidianas.”(pág. 79) Mostrando a importância da filosofia como questionamento e desconstrução de paradigmas como fundamentais para criação de uma boa pesquisa.

2. Nível científico. “As pesquisas científicas e o pesquisador se encontram numa situação extremamente difícil. Já indicamos como a exigência do rigor metodológico pode incidir sobre a escolha dos problemas a serem investigados.” (pág. 85). Ressaltando o rigor acadêmico em que as pesquisas são submetidas e esta não pode se opor ao saber científico.

E finaliza sua obra dizendo: “[...] a Universidade deveria repensar os seus programas de pesquisa. Não existe solução adequada ao nível de simples iniciativas individuais. Seria necessário que a Universidade, deixando de lado por um momento a obsessão analítica e fragmentária, patrocinasse um amplo debate interdisciplinar [...]” (pág. 91). Despertando no leitor um novo olhar interdisciplinar para com a educação.

Amanda Lombardo Fruehauf